



Delegação para as Relações com os Países do Mercosul

Intervenção de Rui Faria da Cunha,
Gerente Executivo do *Brazilian Business Affairs*
Bruxelas, 1 de fevereiro de 2011

Senhor Vice-Presidente da Delegação para as Relações com os Países do Mercosul do Parlamento Europeu, deputado **Nuno Melo**;

Senhor Embaixador do Paraguai junto da União Europeia, S. Ex.^a **D. Mario Sandoval**;

Senhor Diretor-Geral para as Américas do Serviço Europeu de Acção Externa, **Christian Leffler**;

Senhor Diretor-Geral Adjunto da DG Comércio da Comissão Europeia, **João Aguiar Machado**;

Senhor Diretor de Relações Internacionais da Business Europe, **Adrian van den Hoven**;

Senhoras e Senhores **Membros da Delegação** para as Relações com os Países do Mercosul;

Senhoras e Senhores **Membros do Parlamento Europeu**;

Senhoras e Senhores.

É um prazer e uma honra comparecer perante esta Delegação do Parlamento Europeu para dar a conhecer aos seus Membros o ponto de vista da indústria brasileira sobre o estado de adiantamento das negociações com vista à conclusão do Acordo de Associação União Europeia-Mercosul.

Brazilian Business Affairs (BBA) – a voz da indústria brasileira junto da União Europeia

Escritório de representação e defesa dos interesses da indústria brasileira junto da União Europeia, o BBA foi inaugurado em Bruxelas em junho de 2010 por iniciativa de duas organizações brasileiras:

- a Confederação Nacional da Indústria (CNI), criada em 1938, é a organização de cúpula das vinte e sete federações das indústrias, nos estados e no Distrito Federal, representando mais de mil sindicatos patronais associados e mais de 100 mil empresas.

- a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), criada em 2003, é uma agência do governo brasileiro que presta apoio à internacionalização das

empresas brasileiras em todas as suas fases, procurando simultaneamente atrair investimento estrangeiro para o país.

A missão que foi conferida pela indústria brasileira ao BBA inclui, para além do acompanhamento das negociações do acordo de associação UE-Mercosul, temas como energia e mudanças climáticas, concorrência e auxílios de estado, regras de origem e sistema geral de preferências, entre outros.

Através do diálogo e cooperação que pretende estabelecer com as instituições da União Europeia e organizações congêneres, o BBA visa aproximar a indústria brasileira do mercado europeu, promovendo e facilitando o comércio bilateral entre o Brasil e a União Europeia.

Acordo de Associação UE-Mercosul - antecedentes e novo cenário

Após meses de expectativa em torno da possibilidade de relançamento das negociações de um acordo de associação entre o Mercosul e a União Europeia, a indústria brasileira recebeu com um misto de preocupação e satisfação a notícia da retomada das negociações entre o Mercosul e a União Europeia.

As negociações para a conformação de uma área de livre comércio entre os dois blocos estão na agenda de política comercial brasileira há pouco mais de dez anos e foram lançadas durante a Reunião de Cúpula União Europeia-América Latina e Caribe, no Rio de Janeiro, em 1999. Em 2004, estivemos muito próximos de concluir o acordo. Mas não foi possível superar algumas divergências em setores-chave para os dois lados. Para muitos setores da economia brasileira, um acordo ambicioso poderia representar relevante melhoria nas condições de acesso aos mercados europeus.

Além das dificuldades naturais para concluir um acordo ambicioso, a alteração do cenário econômico dos dois blocos nos últimos anos afetou suas perspectivas sobre o processo de integração birregional.

No Mercosul, a crise nos encontrou mais preparados do que estávamos no passado. No Brasil, por exemplo, com as contas externas e fiscais estabilizadas, pudemos adotar medidas anticíclicas que nos ajudaram a recuperar o crescimento sem colocar em risco a estabilidade econômica.

Com economias em crescimento, estabilidade de preços e políticas de taxas de câmbio flexíveis, precisamos melhorar as condições de acesso aos mercados internacionais para garantir que o crescimento das nossas exportações acompanhe o ritmo do aumento das importações. Caso contrário, voltaremos a enfrentar problemas nas contas externas.

Contribuição do setor privado para as negociações

Durante todos esses anos, os empresários do Mercosul e da União Europeia vêm buscando influenciar o processo negociador em seus diversos níveis: nacionais, regionais e birregional.

No âmbito birregional, foi criado há dez anos o *Foro Empresarial MERCOSUL-União Europeia* (MEBF) –, um canal de diálogo empresarial com o objetivo de promover o livre comércio entre os blocos e posicionar o setor privado sobre as negociações de um acordo de livre comércio. O MEBF elabora propostas conjuntas que sirvam como subsídio para os negociadores do acordo birregional.

Desde 1999, o Foro vem formulando e divulgando recomendações específicas sobre todas as áreas relevantes das negociações. Nesse processo, representantes empresariais dos dois lados foram capazes de superar suas divergências para produzir recomendações conjuntas em diversas áreas, como: liberalização tarifária, barreiras não-tarifárias, tratamento especial e

diferenciado, regras de origem, serviços, investimentos, compras governamentais, entre várias outras.

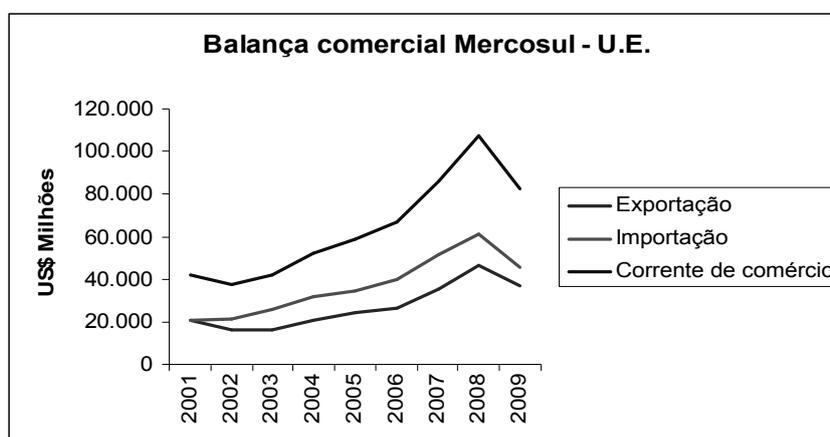
Mais recentemente, durante a rodada de negociações UE-Mercosul que teve lugar em Bruxelas, em outubro de 2010, o BBA e a BUSINESS EUROPE uniram os seus esforços para promover uma reunião informal entre os negociadores-chefe e os representantes da indústria dos dois blocos, iniciativa que irá ser repetida na rodada de março de 2011.

No final desse encontro, o BBA e a Business Europe emitiram um *press release* conjunto no qual se comprometiam a apoiar as negociações de forma continuada e construtiva.

Cenário macro-econômico

Balança comercial Mercosul-UE

Não há dúvida de que o mercado europeu é da maior relevância para o Mercosul. A corrente de comércio entre esses dois blocos registrou crescimento ininterrupto de 2003 a 2008, quando registrou queda em consequência da crise. O saldo da balança comercial se mantém negativo desde 2002, mostrando que a expansão das importações supera as exportações. Em 2009 o déficit chegou a mais de 8 bilhões de dólares.



Fonte: UNCTAD

Balança comercial Mercosul - U.E.				
Ano	Exportação	Importação	Saldo	Corrente de comércio
1996	23.311	18.911	4.399	42.222
1997	27.078	20.105	6.973	47.183
1998	28.068	20.834	7.234	48.903
1999	24.356	19.760	4.596	44.115
2000	21.390	20.645	745	42.035
2001	20.943	20.717	226	41.660
2002	16.124	21.481	-5.357	37.605
2003	16.332	25.535	-9.204	41.867
2004	20.825	31.724	-10.899	52.550
2005	24.352	34.681	-10.329	59.033
2006	26.772	40.031	-13.259	66.803
2007	35.083	51.406	-16.323	86.489
2008	46.484	61.115	-14.630	107.599
2009	37.175	45.377	-8.201	82.552

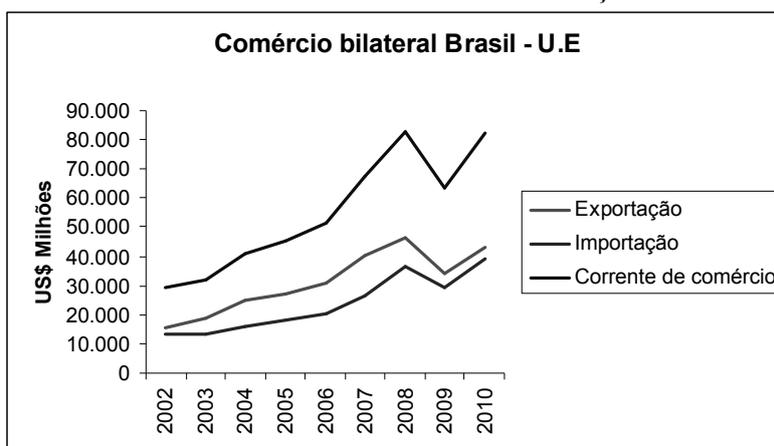
Fonte: UNCTAD

US\$ Milhões

Balança comercial Brasil-UE

Mais especificamente sobre o Brasil, a União Européia possui grande peso nas relações comerciais do Brasil. No ano de 2010, foi responsável por 21,4% do total comercializado

pelos brasileiros (somando exportações e importações), atingindo cerca de 82,2 bilhões de dólares. Um aumento de 30% no valor comercializado em relação ao ano de 2009.



Fonte: MDIC

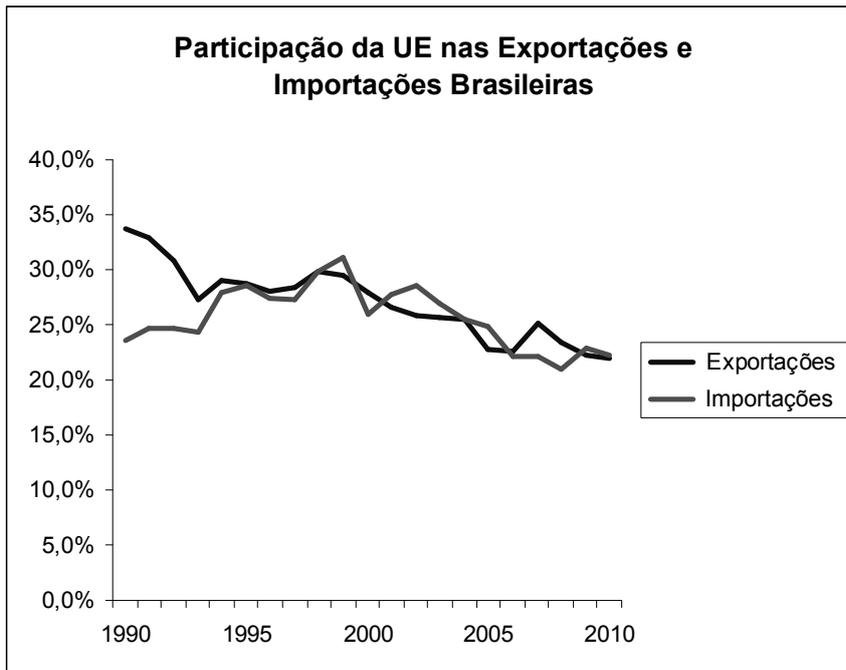
O saldo da balança comercial se manteve positivo, em torno de US\$ 4 bilhões, porém menor do que o registrado em 2009. As exportações brasileiras para a U.E. aumentaram 26,7% em relação ao ano passado, e as importações 33,9%. Essa diferença entre as taxas de crescimento acabou causando a deterioração do saldo comercial brasileiro.

Balança comercial Brasil - U.E						
Ano	Exportação		Importação		Saldo comercial	Corrente de comércio
	US\$ FOB	Part.%	US\$ FOB	Part.%		
2002	15.609	25,83	13.496	28,57	2.113	29.105
2003	18.816	25,7	13.053	27,01	5.763	31.870
2004	24.676	25,52	15.990	25,45	8.686	40.666
2005	27.039	22,81	18.236	24,78	8.804	45.275
2006	31.045	22,53	20.203	22,12	10.842	51.248
2007	40.428	25,17	26.734	22,16	13.694	67.162
2008	46.395	23,44	36.179	20,91	10.217	82.574
2009	34.037	22,25	29.224	22,88	4.813	63.260
2010	43.135	21,93	39.121	22,24	4.013	82.256

Valores em US\$ Milhões

Fonte: MDIC

Apesar do crescimento dos valores de comércio bilateral, a participação da U.E. nos negócios com o Brasil vem seguindo uma tendência de queda observada nos últimos anos. O market-share europeu nas importações brasileiras vêm registrando quedas desde 2000, e só nos últimos dois anos apresentou alguma recuperação. Já o market-share da U.E nas exportações brasileiras registra a mesma tendência mais acentuada, com apenas alguns picos de recuperação. Em relação a 1990, a queda de participação ultrapassa os 10 pontos percentuais.

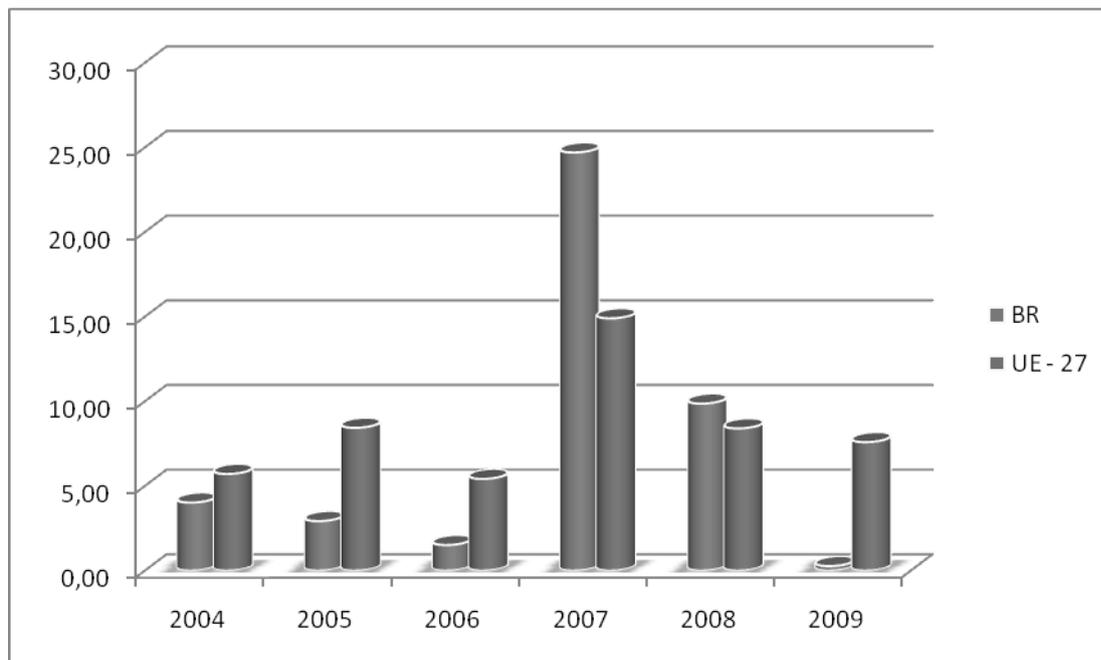


Fonte: MDIC

Investimentos diretos UE-Brasil

A União Europeia é o bloco mais importante para os investimentos diretos no Brasil. No ano de 2009, a UE teve participação de 54,2% do total investido no Brasil. Apesar do valor nominal de 2009 ser menor se comparando com o ano anterior, a participação europeia aumentou 6,1 pontos percentuais nesse período.

A União Europeia será, por sua vez, cada vez mais o destino de investimentos diretos do Brasil.



Valores em EUR Milhões

Fonte: DG Trade

Desafios

De acordo com o estudo sobre a avaliação de impacto de sustentabilidade de comércio (SIA, em inglês), encomendado pela Comissão Europeia, o impacto econômico de um acordo de livre comércio é estimado ser positivo tanto para a UE quanto para países do Mercosul. Na UE, os maiores beneficiários seriam os setores de produtos manufaturados e de serviços. Reconhecemos que a agricultura enfrentaria alguns custos de ajuste, que podem ser mitigados com períodos de transição adequados.

Um acordo que garanta efetiva melhoria de acesso a mercados para os bens e serviços do Mercosul e previsibilidade para os negócios e para os investimentos contribuirá para a sustentação do nosso crescimento nos próximos anos.

Para isso, não podemos abrir mão de melhores condições de acesso ao mercado europeu em produtos em que temos reconhecidas vantagens comparativas, como são os produtos do setor agroindustrial. Por outro lado, o Mercosul ainda não implementou acordos comerciais ambiciosos com economias de grande porte. Isso significa que um acordo birregional representará acesso preferencial expressivo para os exportadores europeus.

Tem sido comum mencionar os acordos concluídos recentemente pela União Europeia com outros parceiros comerciais como referência para as negociações com o Mercosul. Mas não podemos comparar os acordos que a Europa tem negociado com outros países latino-americanos ou com a Coreia do Sul. As estruturas de vantagens comparativas e competitivas que movem os fluxos comerciais são muito diferentes em cada um desses casos. Os acordos comerciais não podem desconsiderar as características estruturais das economias envolvidas.

É importante salientar que a retomada das negociações em pleno agravamento da crise do Euro e às expectativas de que o desaquecimento das economias europeias deverá perdurar por muitos anos, causa apreensão em muitos setores da indústria brasileira. Mais preocupante ainda é o objetivo anunciado por autoridades europeias de concluir o acordo **em curto espaço de tempo**.

Em carta ao Ministro Celso Amorim em Julho de 2010, a Confederação Nacional da Indústria identificou importantes questões conjunturais e fundamentais que terão influência sobre os efeitos desse acordo no crescimento dos fluxos de comércio e na competitividade dos setores industriais brasileiros, a saber:

1. **Taxa de câmbio:** à tendência de apreciação da moeda brasileira, que já vinha se manifestando desde meados do ano passado, soma-se a forte deterioração das condições macroeconômicas europeias, a partir de maio de 2010, que resultaram numa importante perda de valor do Euro. O resultado é forte queda de remuneração dos exportadores brasileiros na venda de seus produtos para o mercado europeu, enquanto os produtos europeus ganham competitividade no mercado brasileiro.

2. **Incerteza sobre o futuro do euro:** embora haja a expectativa de que o bloco europeu superará a crise atual, há dúvidas importantes neste momento sobre o futuro da moeda europeia. O desfecho desta crise poderá ter impactos importantes sobre as condições de negócios no bloco europeu, afetando as estratégias das empresas brasileiras.

3. **Tendências divergentes nos crescimentos dos mercados:** enquanto a economia brasileira apresenta taxas de crescimento sem precedentes nas últimas três décadas, as economias do

bloco europeu enfrentam forte desaceleração na atividade econômica. Os movimentos recentes de diversos países europeus, divulgando programas abrangentes de ajuste com profundos cortes nos gastos públicos, prenunciam um longo período de reduzido crescimento para aquelas economias.

Essas tendências divergentes levarão a uma elevada expansão da taxa de crescimento das importações brasileiras de produtos europeus – tendência que já vem sendo observada – sem que haja possibilidade de crescimento das vendas brasileiras para o mercado europeu.

4. Políticas domésticas divergentes de apoio à produção: enquanto o bloco europeu continua a apoiar a produção agrícola com elevados subsídios à produção doméstica e tem adotado diversos programas de estímulo à produção industrial desde a eclosão da crise econômica de 2008, o governo brasileiro anunciou um programa de apoio às exportações, considerado muito tímido pela maioria dos empresários brasileiros. A maioria das medidas que compuseram o pacote divulgado no final de abril ainda não foi implementada. Mas o problema crucial é que o pacote não resolveu o principal item do que se convencionou chamar Custo Brasil para o setor exportador – a devolução dos créditos tributários nas exportações. Trata-se de um direito constitucional da maior relevância para garantir condições de isonomia na concorrência nos mercados internacionais.

O impasse em temas como propriedade intelectual, compras governamentais, regras de origem e acesso a mercados de produtos agrícolas também podem dificultar as chances de sucesso do acordo.

Conclusão

Apesar dos desafios, no atual momento de reestruturação do cenário internacional, é de suma importância que as duas regiões - Mercosul e União Européia - consolidem sua parceria frente a incertezas como a crescente influência da China no comércio e investimento na América do Sul. É preciso um Acordo de Livre Comércio ambicioso e equilibrado, que contribua para o crescimento econômico e para o bem estar das nossas sociedades.

A indústria brasileira apóia as negociações para a conformação de uma área de livre comércio entre o Mercosul e a União Européia. Mas considera que a conjuntura econômica na Europa requer cautela e que qualquer acordo de liberalização comercial relevante deve ter em consideração a necessidade de resolver os problemas da agenda doméstica, que continua a impor prejuízos elevados aos exportadores brasileiros. Considera fundamental também que o objetivo de concluir o acordo no curto prazo não prejudique os resultados a serem alcançados na negociação.